

Carta até hoje inédita, enviada pelo Padre António Vieira ao recém-eleito geral da Companhia de Jesus, datada de 21 de Junho de 1683.



*Quod omnibus felix, sanctumqz accidit nuncium,  
Largiente nobis deo in P. V. P. Præulem non hominum  
modo, sed Angelorum societate moderandi dignissimū,  
pro carnis me summa voluptate perdidit, qui non  
solum ex audiu, sed prospectu dūrum virtutis testis fuerat  
oculatus, imo admirator simul, et venerator. Sicut  
et in Societate Uniuersæ, quæ talem in difficili tempore  
mentem unitis plena adeptæ est, tandem in distu-  
na iam tempestate nauulerum, qui curam secunditima  
tenet, quocumqz tandem vento obliuiscere. Deumque*

# PADRE ANTÓNIO VIEIRA COMPLETO E INÉDITO

É o maior projecto alguma vez pensado sobre a obra do «Imperador da Língua Portuguesa», como o definiu Fernando Pessoa. São 30 volumes de uma «arca» monumental – dispersa por três continentes –, recolhidos, tratados, traduzidos e editados por uma vasta equipa de especialistas coordenada pela Universidade de Lisboa. Os investigadores Andreas Farmhouse e Carlos Seixas Maduro explicam, em primeira mão, qual o caminho a trilhar nos próximos anos, depois de algumas malogradas tentativas no passado. É Padre António Vieira, finalmente, em todo o seu esplendor – o homem que, na carta inédita que publicamos, confessa ter começado «a viver pela primeira vez».

# OBRA COMPLETA DO GRANDE JESUÍTA A CAMINHO

www.lusosofia.net

*Depois de décadas e décadas de tentativas, a edição integral do legado de António Vieira pode ser uma realidade nos próximos anos. A Universidade de Lisboa prepara-se para reunir uma equipa de especialistas de várias áreas com esse objectivo monumental – publicar 30 volumes. Faltam só os mecenas.*

Por ANDREAS FARMHOUSE

O forte investimento oficial e académico nas celebrações de dois centenários vieirianos ocorridos no espaço de uma década consagraram a figura do Padre António Vieira (1608-1697) como uma das maiores de todos os tempos no âmbito da História das culturas portuguesa e brasileira. O terceiro centenário da sua morte, ocorrido em 1997, e o quarto centenário do seu nascimento, celebrado em 2008, com direito a homenagens oficiais na Assembleia da República e em palcos de outros órgãos públicos, repararam a injustiça da relativa secundarização da sua obra genial na História portuguesa, pelo menos até à primeira metade do século XX.

Vieira tinha sido vítima da depreciação feita a partir do iluminismo à cultura barroca, período cultural em que este pregador se formou e produziu obra. O valor e utilidade da sua ação e propostas de reforma do reino foram manchados pelas leituras históricas do antijesuitismo sistemático inauguradas pela propaganda pombalina e reproduzidas com mimetismo assinalável ao longo do século XIX liberal e antijesuítico.

O próprio marquês de Pombal tinha mandado reunir vários volumes de documentação manuscrita em forma de dossiê para incriminar Vieira. A esta espécie de requisitório os compiladores pombalinos deram o título *Maquinações de António Vieira Jesuíta*. Estes volumes ainda inéditos que se podem encontrar na secção de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal serviram a estratégia pombalina de ataque à Companhia no quadro da sua propaganda de legitimação das medidas de extinção e expulsão dos jesuítas concretizadas em 1759, como demonstrou José Eduardo Franco na sua volumosa tese intitulada *O Mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente – Séculos XVI-XX* [Gradiva, 2 vols., 2006-2007].

Desde então Vieira foi desqualificado e considerado um dos mais eloquentes exemplos do «génio mau» que animava os membros da ordem de Loiola.

De forma mais secular, fora das fronteiras da Igreja Católica, com a sobrevalorização do juízo pessoal, reconhecendo o papel decisivo dos textos lídimos da parenética de Vieira para o aperfeiçoamento da língua portuguesa, iniciou-se um lento processo de reabilitação da imagem de Vieira e do valor da sua obra, que veio ganhar cada vez mais prestígio nas últimas décadas com a revalorização da literatura e cultura barrocas pela crítica pós-moderna e pela revisão do significado depreciativo que tinha sido dado às suas obras proféticas. O processo de reabilitação da obra profética de Vieira (*História do Futuro e Chave dos Profetas*) começou a ser feita nomeadamente por estudiosos não-portugueses, como foi o caso do francês Raymond Cantel nos anos 60 do século passado, no quadro das novas hermenêuticas dos textos míticos e utópicos.

Vencendo séculos de significativo esquecimento e secundarização, nos últimos anos Vieira tem suscitado um crescente interesse entre estudiosos lusobrasileiros, franceses, alemães, americanos, italianos, mexicanos e até espanhóis, traduzido de forma muito visível em artigos e teses académicas dedicados à análise dos mais diferentes aspetos da sua obra, em particular na sua dimensão literária, utópica e ao seu empenhamento social e político com especial atenção à sua defesa da causa dos cristãos-novos e da crítica à Inquisição. O génio e audácia do Padre António Vieira tiveram o mérito de convencer o Papa a suspender, pela primeira vez, a atividade judicial do Santo Ofício em Portugal durante cerca de sete anos (1675-1682).

Muitos estudos, livros, antologias, edições seletas têm vindo a lume sobre a sua vida e obra. No âmbito das comemorações dos centenários do nascimento e morte muitos recursos foram investidos em congressos, colóquios e cerimónias comemorativas de várias ordens.

Passado o tempo da controvérsia que gerou uma corrente antivieiriana na cultura portuguesa – versão especializada da corrente antijesuítica, tendo por representantes máximos da crítica a Vieira o marquês de Pombal, que o apelidava de bruxo delirante, e Teófilo Braga, que desqualificou os seus sermões assemelhando-os a discursos taquigrafados dos deputados dos parlamentos da monarquia constitucional –, hoje em dia estudiosos e homens de cultura em geral aplaudem quase unanimemente o génio deste pregador jesuíta e o contributo inovador da sua obra para a língua e para o pensamento português e europeu mais avançado.

*«Está a ser constituída uma equipa vastíssima, interuniversitária e interdisciplinar para trabalhar na edição da obra monumental de Vieira, em suporte de papel e digital, de forma a torná-la acessível a estudantes, estudiosos e ao público em geral.»*



No entanto, ainda resta um trabalho basilar ou preliminar para colocar à disposição dos investigadores e homens de cultura em geral toda a obra de Vieira: publicar a sua obra completa e traduzi-la para as grandes línguas de circulação internacional.

Aqui reside uma das carências graves da nossa estratégia de estudo e investigação em Portugal. Investe-se mais em produzir ensaios, livros de estudo, homenagens, congressos de grande dimensão e visibilidade sobre autores célebres da nossa História e menos, muitos menos, em fazer o trabalho mais discreto, de fundo, mas essencial, que consiste em preparar edições completas devidamente anotadas da obra dos autores que são a matéria-prima para compreensões mais largas, inovadoras e complexas. Quer em relação a Vieira quer a muitas outras figuras da nossa História da cultura.

A situação é mais gritante no caso da volumosa obra de Vieira dada a importância desta, que marcou uma etapa decisiva de aperfeiçoamento da língua portuguesa e da sua capacidade de dizer um pensamento complexo de forma esteticamente brilhante. Não foi por acaso que Fernando Pessoa proclamou Vieira «Imperador da Língua Portuguesa»

*«Desde Lúcio de Azevedo e António Sérgio têm sido feitas tentativas para editar a obra completa de Vieira, sem sucesso. Nas últimas décadas, outras figuras notáveis da nossa academia tiveram esse sonho e esse projeto, mas ficou pelo caminho.»*

na *Mensagem*, atribuindo, no *Livro do Desassossego*, à influência da leitura dos seus sermões a decisão de escolher a língua de Camões para dar cidadania à sua genial criação poética em detrimento da língua de Shakespeare.

Desde João Lúcio de Azevedo e António Sérgio têm sido feitas tentativas para editar a obra de Vieira na sua totalidade, sem que esse desiderato tenha chegado a bom termo. Nas últimas décadas, figuras notáveis da nossa academia, como Margarida Vieira Mendes e Aníbal Pinto de Castro, tiveram esse sonho e esse projeto, mas ficou pelo caminho. Algumas edições parciais de grande qualidade têm sido tentadas, mas destinadas apenas a um público erudito e especializado, por estudiosos como Alcir Pécora e Arnaldo Espírito Santo. Realce-se o ainda inconcluso caso da tradução e edição da *Clavis Prophetarum* [Chave dos Profetas], obra magna de Vieira que aspira há quatro séculos a ver a luz total do prelo, e da qual só se publicou o terceiro livro; ou alguns volumes de sermões em edição crítica que têm saído muito lentamente. Sem descurar a grande valia académica e científica destes projetos parciais que exigem trabalho muito demorado de edição da obra de Vieira, eles não cumprem a almejada função de o tornar acessível ao grande público nacional e internacional, além de atenderem apenas a uma elite restrita capaz de ler e apreciar este tipo de edições profusamente anotadas e comentadas.

Por isso, a Universidade de Lisboa está agora empenhada em promover e angariar mecenas para financiar um projeto de preparação, verdadeiramente *colossal mas urgente, da edição anotada da obra do Padre António Vieira* em 30 volumes. Neste momento está a ser constituída uma equipa vastíssima, interuniversitária e interdisciplinar, sob a égide da Reitoria da Universidade de Lisboa, para trabalhar na edição dessa obra monumental, em suporte de papel e em livro digital, de forma a torná-la acessível a estudantes, estudiosos e ao público em geral através das novas plataformas de informação. A editora Gradiva já manifestou disponibilidade para publicar os 30 volumes que esta equipa preparará se conquistar financiamento em ordem a realizar uma edição planeada, bem preparada e em tempo não muito longo.

A iniciativa da Universidade de Lisboa e do seu reitor António Nóvoa visa ainda a publicação de versões seletas da obra de Vieira em mandarim, japonês e inglês. Esperamos que este grande projeto de edição de um dos mais valiosos tesouros da literatura portuguesa encontre mecenas que percebam a importância de uma aventura desta natureza para a promoção da língua e cultura portuguesas em Portugal e no mundo, com atenção estratégica ao novo centro nevrálgico que constituem hoje as potências do Extremo Oriente, onde a língua portuguesa está a conhecer um renovado interesse em termos de aprendizagem.

# CARTAS SEM FIM DE VIEIRA E O QUE ELAS PODEM SIGNIFICAR

«A investigação sobre a correspondência pretende ir tão longe quanto se sabe onde está a assinatura de Vieira, dentro e fora de Portugal», garante o especialista que integra a equipa da Universidade de Lisboa. A radiografia de um espólio marcante e tantas vezes esquecido, com centenas de originais por ler e descobrir.

Por CARLOS SEIXAS MADURO

A parte da obra do Padre António Vieira (1608-1697) que revela de forma muito dinâmica, impressiva e existencialista o seu tempo são as centenas de cartas que escreveu ao longo da vida.

A edição mais exaustiva da correspondência encontra-se na obra impressa em três tomos, publicada entre 1925 e 1928 por João Lúcio de Azevedo, com cerca de 710 cartas, reimpressa recentemente pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Este trabalho continua a ser uma ferramenta que não deve ser ignorada nos estudos vieirianos; contudo, o respeito pelo labor incansável de Lúcio de Azevedo não deveria constituir motivo para que a curiosidade pela obra epistolar do grande jesuíta tenha sido sepultada ao longo de décadas.

Qualquer iniciativa sobre a publicação da epistolografia vieiriana será sempre um trabalho inacabado, mas esta certeza não é impedimento para o abandono a que foram remetidas as cartas em termos editoriais, tendo conseguido resistir a dois importantes centenários comemorativos e às celebrações que lhe fizeram por todo mundo as mais altas autoridades políticas e académicas.

O projeto de relançar o estudo sobre a correspondência de Vieira implica um trabalho de fundo que vai muito para além das reimpressões que têm sido feitas da sua correspondência, tanto em Portugal como no Brasil. Trata-se de uma investigação que pretende ir tão longe quanto se pode saber onde está a assinatura de Vieira, a irregularidade da letra. Ler os seus originais autógrafos, desde que a qualidade das imagens o permita, é uma experiência ao alcance de qualquer um.

Os principais manuscritos autógrafos que se conhecem das cartas vieirianas encontram-se dispersos pela Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, a Biblioteca Pública de Évora e a Casa de Cadaval em Muge. Formam um conjunto de códices que permite o acesso a um número considerável de cartas enviadas a alguns dos seus principais destinatários: marquês de Nisa, marquês de Gouveia, Duarte Ribeiro de Macedo e duque de Cadaval. Devem ainda juntar-se a estes manuscritos, na sua maioria assinados pelo punho

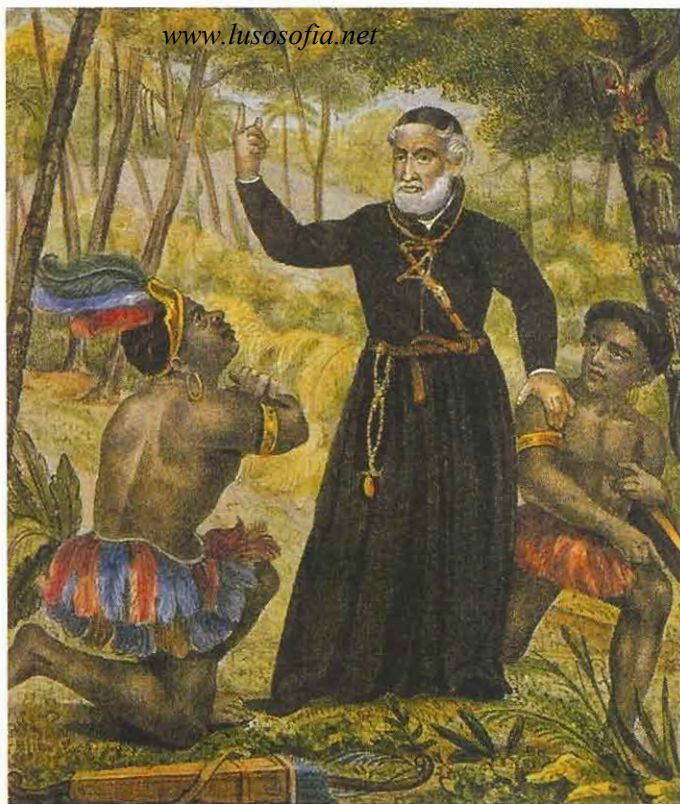
de Vieira, outros códices dispersos por bibliotecas e arquivos, dentro e fora de Portugal. Uma arca epistolar de relevo, e que, inexplicavelmente, escapou às sucessivas reimpressões da edição de referência. Se tivermos em conta os números indicados por Lúcio de Azevedo em relação aos originais, 344 na totalidade, pode apontar-se hoje um número que ultrapassa largamente as quatro centenas de cartas consideradas originais, tendo em conta os manuscritos escritos pela mão de amanuense.

Poder-se-ia dizer que os maiores contributos dados à epistolografia vieiriana no século XX chegaram de forma dispersa e assim permaneceram até hoje, em artigos e separatas de revistas: é o caso das *Quatro Cartas Inéditas* (1947) de C.R. Boxer; sete cartas publicadas por Serafim Leite em *Novas Cartas Jesuítas* (1940); de Cláudio Ribeiro de Lessa, *Cartas Inéditas do Padre António Vieira* (1934). Mais recentemente, por Aníbal Pinto de Castro, *Quatro Cartas Inéditas Dirigidas a Cosme III de Médici* (1962), do Arquivo di Stato de Florença.

É também possível encontrar cartas em obras das mais variadas proveniências, algumas importantes para uma fixação dos textos e uma edição mais completa de todo o conjunto epistolar. Lembramos as cartas dispersas por diferentes histórias da Companhia de Jesus: *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal* (1931-1950), de Francisco Rodrigues; Serafim Leite, na *História da Companhia de Jesus do Brasil*, vol. IX; José de Moraes, na *História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará* (1860). Do mesmo modo, o padre André de Barros, nas primeiras edições de obras várias, publica cartas, lamentavelmente algumas delas em forma de excertos: *Voz Soberana* (1748), *Vozes Saudosas* (1736) e *Vida do Padre António Vieira* (1858). Obras importantes da historiografia brasileira também registam exemplares de cartas: *Revista Trimestral de História e Geografia, Corographia Histórica, Corpo Diplomático, Anuaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, Documentos para a história do Brazil e especialmente a do Ceará, Memórias históricas e políticas da Província da Bahia*.

Uma figura com a importância de Vieira teria forçosamente de suscitar a curiosidade por todos os escritos que legou. Pelas nossas bibliotecas é muito frequente encontrar códices manuscritos com obras ou papéis vários de Vieira, onde se incluem cartas dispersas, geralmente as mais famosas pelo seu conteúdo, de cariz político, mas é também muito importante referir aqueles códices destinados a coligir o *corpus* estritamente epistolar de Vieira, o que se torna relevante para o entendimento da forma como estas cópias manuscritas foram realizadas, tanto mais que se tomaram numa das fontes das edições impressas.

«É uma arca epistolar de relevo que, inexplicavelmente, escapou às sucessivas reimpressões da edição de referência. Um número que ultrapassa hoje largamente as quatro centenas de cartas consideradas originais, tendo em conta os manuscritos escritos pela mão de amanuense.»



Se das cartas originais não decorre dificuldade de maior em relação à fixação dos textos, verificando-se unicamente ligeiras diferenças entre a versão de Lúcio de Azevedo e os manuscritos autógrafos, o mesmo não sucede em relação ao restante conjunto epistolar que se espalha por um número, por vezes muito considerável, de manuscritos apógrafos da mesma carta.

O conjunto dos códices apógrafos é muito vasto e distribui-se pelas principais bibliotecas e arquivos de Portugal e do Brasil. Alguns deles documentos incontornáveis para uma edição o mais possível fiel dos textos vicirianos, na medida em que não foram truncados, contrariamente ao que sucedeu com as primeiras edições impressas. Na introdução das *Cartas*, Lúcio de Azevedo escreve que, após a morte de Vieira, o padre António Maria Bonucci, jesuíta que teria acompanhado o epistológrafo no desenvolvimento da *Clavis Prophetarum*, informou ao geral da Companhia de Jesus de que tinha em seu poder mais de 200 cartas. Estas e outros papéis do espólio de Vieira foram então confiscados pelo Santo Ofício. Por estranho que isso possa parecer hoje, foi graças a esta decisão que o inquisidor-geral Nuno da Cunha confiou ao conde da Ericeira a primeira publicação, juntando-lhe as cartas oferecidas pelo duque de Cadaval e outras entretanto reunidas pelo conde da Ericeira e pelo padre António dos Reis. Vinham assim a lume, em 1735, dois tomos de cartas do Padre António Vieira oferecidas ao inquisidor-geral. A estes juntar-se-ia um terceiro, de 1746, da responsabilidade do padre Francisco António Monteiro. A primeira edição deixaria assim antever evidentes imprecisões e muitas censu-

*«Vieira epistológrafo é o homem que procura companhia para a solidão do desterro em Coimbra. É também o Vieira de Roma, que mesmo vivendo entre os maiores reconhecimentos, continua a sentir-se estranho numa terra onde o não devia ser.»*

ras. Particularmente nas referências aos cristãos-novos e à Inquisição, as mutilações e a substituição dos vocábulos por siglas ou perifrases, «N.N.», «certo ministro», «A. certa pessoa», são muito frequentes.

Em 1854 e 1855 saiu nova edição da correspondência, em quatro volumes, que incluem os dois da edição de 1735 e o de 1746. Enferma dos defeitos já aludidos, talvez pelo facto de não haver um responsável pela publicação. Há cartas repetidas, mantêm-se as mutilações da primeira edição, não se manifesta qualquer cuidado na organização do *corpus* textual. No tomo 4º, a introdução da correspondência do marquês de Nisa a partir do códice de Évora veio trazer uma mais-valia. As restantes edições são parcelares, muitas destinadas a servirem de seletas para o ensino. A fonte impressa encontrava-se, portanto, muito incompleta para futuras reedições, não fosse a resposta dada pelos manuscritos apógrafos. Lúcio de Azevedo teve algumas destas fontes em conta, mas não meios nem tempo para as consultar de forma exaustiva.

Depois de reunidas as fontes, com a ambição de também aceder ao maior número possível de manuscritos, de modo a conseguir uma aproximação o mais possível fiel ao texto original, colocam-se as dúvidas quanto à distribuição dos textos pelos diferentes volumes. A pergunta que ocorre é a de saber que herança deixou Vieira com este *corpus* textual. Depois de lido em toda a sua extensão, concluiu-se que o jesuíta deve ser considerado um epistológrafo de cartas informais, por outros termos, de cartas familiares no sentido mais genuíno, dentro da tradição grega, ciceroniana, teorizada posteriormente por Erasmo. Contrariando a visão mais comum, deveria evitar-se fazer uma leitura essencialmente histórica e política dos textos epistolares e apresentar todo o *corpus* textual das cartas de Vieira como uma epistolografia do tempo e do lugar. A distribuição proposta num conjunto de sete volumes pretende catalogar as missivas escritas pelo jesuíta no percurso da vida, assinalando em cada volume os momentos fortes duma existência longa, vivida de forma muito intensa.

Analisando os principais períodos epistolares, verifica-se que Vieira epistológrafo não é o homem das missões, por muito que isso possa custar a admitir, mesmo porque se limita a seguir uma obrigação da Companhia. Tão-pouco será o diplomata que dá relação do andamento dos negócios do reino, também a isso estava obrigado. Vieira epistológrafo é o homem que procura companhia para a solidão do desterro de Coimbra, buscando-a entre aqueles que viviam situações de injustiça semelhantes à sua, o marquês de Gouveia, D. Rodrigo de Meneses e D. Teodósio de Melo. Será também o Vieira de Roma, que mesmo entre os seus, vivendo entre os maiores reconhecimentos da terra, continua a sentir-se estranho numa terra onde supostamente o não devia ser, por isso junta aos seus confidentes uma nova personagem, Duarte Ribeiro de Macedo.

# «COMECEI AGORA A VIVER PELA PRIMEIRA VEZ»

É uma das missivas originais descobertas por Carlos Seixas Maduro. A 21 de junho de 1683, da Baía, António Vieira saúda o novo eleito da Companhia de Jesus, o belga Charles de Noyelle, e aproveita para partilhar alguns dos seus pensamentos.

Nosso Reverendíssimo Padre em Cristo,

Esta notícia que aqui chegou, para todos feliz e venturosa, de que Deus nos concedeu em Vossa Paternidade um prelado o mais digno de governar não apenas uma Companhia de homens como também uma de anjos, encheu-me do mais completo contentamento, a mim mais do que aos outros, que não apenas de nome, mas também já há algum tempo fora testemunha ocular da vossa manifesta virtude e ainda mais admirador e venerador. Por conseguinte felicito toda a Companhia a qual, num tempo cheio de dificuldades, chegou a uma tal deliberação inteira de prudência e, no meio de uma tempestade já prolongada, tomou para si um tal piloto, para onde quer que litem os ventos. E do fundo da minha alma rogo a Deus que dilate a Vossa Paternidade o seu tempo de vida, mantendo-o na satisfação da mais próspera saúde, que todos sabemos ser necessária para o bem público.

No que a mim toca, se vos não é molesto saber algo, que direi? Senão que comeci agora a viver pela primeira vez, ao tomar-se-me possível, apartado da confusão de negócios incómodos, ocupar-me melhor um pouco com Deus e dedicar o meu ócio aos estudos, juntando os pedaços dispersos dos meus trabalhos, onde quer que eles estão, que me obrigam a dar a lume, e já se vão publicando de dia em dia, prouvera a Deus que ao menos com aquele proveito das almas que eu desejo, e alcançando por isso, na medida das minhas forças, ao verdadeiro método de pregar.

Aquilo que por amor daquela fé que devo a Deus e a Vossa Paternidade me cumpre apontar, e aquilo que com mais vivo cuidado proponho ao vosso juízo é: antes de mais nada o extraordinário aumento que aqui tomaram muitas práticas do nosso instituto, ou totalmente mudadas, ou introduzidas de fresca data; devido ao seu constante e ardente zelo, foi eficaz no acender o entusiasmo de todos o Padre António Oliveira, e sobretudo graças à sua arte de governar temperada com o proceder e prudência mais excelentes, tal como compete a um religioso, por tal forma que não pode deixar de ser sumamente accito aos que prezam o bem público. Motivo pelo qual, se é que têm algum valor os meus pedidos, e também os da maior parte dos outros, que querem juntar os seus aos meus, para não vos importunarem escrevendo por baixo, e sobretudo os dos Padres italianos, que todos unanimemente se servem

*«Tornou-se-me possível, apartado da confusão de negócios incómodos, ocupar-me melhor um pouco com Deus e dedicar o meu ócio aos estudos, juntando os pedaços dispersos dos meus trabalhos, onde quer que eles estão, que me obrigam a dar a lume, e já se vão publicando de dia em dia.»*



de mim como procurador nesta petição, uma e muitas vezes rogo que tão cedo a Província do Brasil não se veja privada de uma tão útil cabeça, inas que pelo menos se mantenha até que se fortaleça o que teve tão bons começos, para evitar que o que acabou de nascer volte a morrer. Com igual franqueza manifestarei aquilo que sem exceção todos pensam em razão daqueles danos que repetidamente experimentaram devido ao motivo oposto; que de forma alguma convém que nos enviem de Portugal as pessoas que não de ficar à frente desta Província devido ao desconhecimento dos nossos assuntos, que é forçoso que tragam consigo os que chegam pela primeira vez. A menos porventura que sejam enviados em conformidade com a usança das épocas passadas, varões muitíssimo santos, obrigados à condição de, uma vez concluído o triénio, permanecerem no Brasil, sendo-lhes totalmente interdito regressarem a Portugal. É que qual a utilidade de alguém que, mal assentou os pés em terra, começa a pensar no regresso? Sobretudo sendo certo que não faltam entre nós varões talvez não menos mercedeiros de governar do que aqueles que seriam enviados de Portugal para estes lugares tão distantes, não sem grandes custos com as viagens marítimas. Que isto seja posto à consideração do prudentíssimo conselho de Vossa Paternidade, que tenho por indubitável que só aprova o que é mais conveniente. E não recuse unir com a sua bênção este que é o mais dedicado filho.

Baía, 21 de junho de 1683  
De Vossa Paternidade humilíssimo servo  
e indigníssimo filho

António Vieira  
(Tradução de António Guimarães Pinto)

## ARTIGO DA PÁG. 36 CARTAS DE VIEIRA

A apetência do Padre António Vieira pelas línguas é conhecida. Causa admiração a capacidade de aprender as línguas dos índios, surpreende a forma como rapidamente aprendeu italiano de modo a deixar estupefactos todos os convivas da corte da rainha Cristina da Suécia, não causará surpresa que se expressasse com normalidade em latim. Se a maioria das cartas foi escrita em português, há um conjunto significativo de textos escrito em latim e que, como seria de esperar, seriam dirigidos a membros da hierarquia da Igreja e da Companhia.

Remetidas na sua maioria ao Arquivo Romano da Companhia de Jesus, estas cartas não serão propriamente desconhecidas, na medida em que eminentes historiadores da Companhia de Jesus publicaram algumas que constam deste arquivo. No caso concreto da carta escrita por Vieira a 12 de julho de 1697, enviada ao padre Tirso Gonzalez, seis dias antes de falecer, trata-se de uma missiva que é do domínio público, divulgada na «Exposição P. António Vieira, pela Biblioteca Nacional», em 1997. Este é também um dos pontos que o projeto de reedição das cartas de Vieira não vai contornar, pretendendo levar aos leitores o seu epistolário latino devidamente traduzido.

Veja-se, por exemplo, a carta enviada em 21 de junho de 1683, publicada nesta edição da LER. Nesse ano, Vieira encontrava-se na Baía, donde remeteu 11 cartas aos seus destinatários do costume, normalmente entre junho e julho, uma em cada ano, aquando da partida das armadas. Entre as várias notícias que ia repetindo, comunica o envio do vol. IV dos *Sermões* e lamenta-se do auto de fé que lhe fizeram em Coimbra, ao mesmo tempo que na Universidade do México o cobriam de honrarias. Como se ainda não bastasse, também no Brasil esta fase era muito complicada do ponto de vista pessoal, devido ao processo judicial em que a família Ravasco se viu envolvida.

Nesta carta, inédita até hoje, Vieira saúda a eleição do novo provincial, compraz-se com a escolha e faz votos para que o novo general das tropas inicianas

seja um guia bem-sucedido de toda a Companhia de Jesus. Tratava-se do belga P<sup>c</sup>. Charles de Noyelle, eleito a 5 de julho de 1682. Dos assuntos pessoais, comunica o trabalho que vem tendo na publicação dos sermões e da sua importância para o método de pregar, e termina com os temas frequentes que diziam respeito à missãoção.

## ENTREVISTA DA PÁG. 42 VÍTOR AGUIAR E SILVA

**Que vai ao encontro do verbete que diz que frequentava prostitutas em Lisboa...**

É em Goa também. Camões morreu na miséria e ao abandono, tanto que teve de ser enterrado numa espécie de vala comum. Há quem afirme que foi na Igreja de Sant'Ana, em Lisboa, sendo certo que foi embrulhado num lençol cedido pela casa dos condes de Vimioso. Mas perdeu-se o rasto a partir do terramoto de 1755. Quando em 1880, por ocasião do tricentenário da sua morte, foi constituída uma comissão que integrava políticos e homens de letras, as ossadas foram presumivelmente depositadas nos Jerónimos. Quer dizer, sem análise de ADN naquele tempo [gargalhada], seria muito difícil realmente dizer que tenha sido assim.

**Portanto, a versão de José Hermano Saraiva é de, algum modo, mitica.**

A própria comissão, que tratou da trasladação, teve consciência disso. Agora, simbolicamente – e isso tem muita importância – está ali Camões. Do ponto de vista objetivo, não se pode dizer. Para esclarecer questões como esta, à luz da relação da vida e da obra, da obra e do homem, no caso de Camões não se consegue provar quase nada. O esquema da História literária positivista, por exemplo, funcionava se houvesse provas. Como não há...

**Mudemos de assunto. Há um personagem do último livro de Paulo Castilho, *Domínio Público*, que diz: «Em Inglaterra, Shakespeare é Deus, em Portugal Camões é um chato de que se padece no secundário.» Qual é a sua visão?**

Paradoxalmente, o ensino secundário pode contribuir para a revelação de Camões como poeta – sobretudo o lírico mas também poeta épico – e pode constituir um fator de *dissonância*. Durante décadas

culpa-se a análise gramatical d'*Os Lusíadas*. Na verdade, Camões não é fácil de ler e entender, a começar pelos professores dos ensinos secundário e universitário. Há lacunas gritantes: por exemplo, em algumas faculdades de Letras há uma ausência de Camões. Já no meu tempo – e tive como professor um dos maiores camonistas do século XX, Álvaro Júlio da Costa Pimpão – não existia o estudo de Camões nos programas.

**É estranho porque vem desde o romantismo...**

Sem dúvida! Isso tem a ver com a conceção da própria literatura e a sua relação com o nacionalismo político-ideológico. Depois é muito difícil, a quem nas faculdades de Letras não teve um ensino de Camões, fazer uma aprendizagem só por si. Há muitos professores que, confrontados com a necessidade de explicarem Camões aos alunos do secundário, se veem aflitos porque é um autor complicado.

**Essa aflição proporciona que a obra de Camões seja ensinada como uma manja de retalhos que é dada aos alunos em vários momentos do seu percurso.**

De facto, não é dada uma visão de conjunto. Posso dar o meu testemunho: *Os Lusíadas* nunca me entusiasmaram no liceu. Só bastante mais tarde é que tomei consciência da sua profunda beleza estética. Não na sua totalidade mas porque, como diz o António José Saraiva com alguma razão, há muitas estâncias que são cimento para pegar episódios com outros. Leituras antológicas bem planeadas e bem realizadas podem salvar o que há de importante n'*Os Lusíadas*.

**E como explicar que, sob o regime do Estado Novo, o Canto IX fosse eliminado com explicações, no mínimo, idiotas?**

O Canto IX foi sempre complicado em termos pedagógicos...

**Mas também políticos, não?**

Recordo-lhe que Voltaire, e era Voltaire, considerou o episódio da Ilha dos Amores tão pornográfico como uma casa de meninas de Amsterdão! Isto vem de longe!

**Não achou estranho pegar n'*Os Lusíadas* e passar do Canto VIII para o Canto X?**

Tanto que achei que um dos meus primeiros ensaios foi sobre a Ilha dos Amores, em 1972, aquando das comemorações do quarto centenário da publicação d'*Os Lusíadas*! Porque o episódio em